

**O PROGRAMA *UAM CORPUS TOOL* APLICADO À ANÁLISE DO  
ENGAJAMENTO EM *CORPUS* SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC**

**THE UAM CORPUS TOOL PROGRAMME APPLIED TO THE ANALYSIS OF  
ENGAGEMENT SUBSYSTEM ON CORPUS ABOUT THE IMPLEMENTATION OF  
THE BNCC**

Henrique Campos Freitas<sup>1</sup>  
Ariel Novodvorski<sup>2</sup>

**RESUMO:**

Desde 2015, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) está sendo objeto de discussões no cenário educacional brasileiro, devido ao conteúdo proposto e, fundamentalmente, por se tratar de um documento de caráter normativo, com implicações diretas na construção dos currículos da educação básica no país. Nesse sentido, este artigo analisa a utilização de recursos avaliativos, baseados no Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), especificamente do subsistema de Engajamento, a fim de revelar como acontece a construção dos enunciados em notícias, reportagens e entrevistas, divulgados em sites de notícias de domínio público sobre a BNCC. Para isso, utilizamos o programa computacional *UAM Corpus Tool* (O' DONNELL, 2019) para a anotação e a exploração de corpora textuais a fim de interpretar os dados quantitativos em associação às produções textuais. Os resultados evidenciaram que o uso do “endosso” foi o mais recorrente, visto que as circunstâncias de ângulo podem (e estão) relacionadas a esse traço semântico-discursivo (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014) por indicar uma voz que se soma a outra, ou seja, aquela citada, referindo-se a outrem, na busca do compartilhamento de posições dessas vozes. Dessa forma, o produtor textual incita a confiabilidade da proposição apresentada ou citada, deixando implícito ao seu interlocutor, a possibilidade de rejeitar completamente ou de se aproximar da opinião de quem produz o texto.

**Palavras-chave:** BNCC; Engajamento; *UAM Corpus Tool*.

**ABSTRACT:**

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Linguísticos (PosLin/UFGM). Docente no Programa de Mestrado Profissional em Educação: formação docente para a Educação Básica da Universidade de Uberaba (UNIUBE). [henrique.freitas@uniube.br](mailto:henrique.freitas@uniube.br)

<sup>2</sup> Professor Associado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU - Brasil). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2020). Como professor, atua no curso de graduação Letras/Espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Seus interesses de pesquisa incluem: estudos descritivos, linguística de corpus, estudos de tradução, língua espanhola, fraseologia, terminologia e linguística sistêmico-funcional. Possui mais de vinte anos de experiência em ensino, pesquisa e tradução. Publicou em diversas revistas e livros indexados. É diretor do Instituto de Línguas e Linguística (2017-2025). [arivorski@ufu.br](mailto:arivorski@ufu.br)

Since 2015, the National Common Curricular Base (BNCC) has been the subject of discussions in the Brazilian educational scenario, due to the proposed content and, fundamentally, because it is a normative document with direct implications for the construction of basic education curricula in the country. In this sense, this article analyses the use of evaluative resources based on the Appraisal System (MARTIN; WHITE, 2005), specifically the Engagement subsystem, to reveal how the construction of statements occurs in news, reports, and interviews disseminated on public domain news sites about the BNCC. For this purpose, we used the computational program UAM Corpus Tool (O'DONNELL, 2019) for the annotation and exploration of textual corpora to interpret quantitative data in association with textual productions. The results showed that the use of “endorsement” was the most recurrent, since angle circumstances can (and are) related to this semantic-discursive feature (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), by indicating a voice that adds to another, that is, the one that is cited, referring to someone else, in the search for sharing the positions of these voices. Thus, the textual producer incites the reliability of the proposition presented or cited, leaving implicit to their interlocutor the possibility of completely rejecting or approaching the opinion of the one who produces the text.

**Keywords:** BNCC. Engagement subsystem. UAM Corpus Tool.

## INTRODUÇÃO

Desde 2015, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) está sendo objeto de discussões no cenário educacional brasileiro, devido ao conteúdo proposto e, fundamentalmente, por se tratar de um documento de caráter normativo, com implicações diretas na construção dos currículos da educação básica no país. Nesse sentido, comunidade escolar, professores e pesquisadores buscaram – e ainda buscam – se centrar na compreensão do conjunto das aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica.

O documento foi discutido e construído entre 2015 e 2018, num cenário político e educacional conturbado no país, visto que tivemos o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a nomeação de seu vice, Michel Temer, em cujo governo se deu a aprovação da BNCC. Portanto, acreditamos que, no processo de implementação da Base, há diferentes posicionamentos que podem ser revelados pelo e no discurso, com possibilidade de compreensão por meio do Sistema de Avaliatividade.

É importante pontuar que o Sistema de Avaliatividade é uma abordagem teórica desenvolvida por J.R. Martin e Peter R.R. White, que visa entender como as pessoas utilizam a linguagem para avaliar, julgar e atribuir valor a diferentes aspectos do mundo ao seu redor. O Sistema se concentra em três subsistemas: **engajamento, atitude e graduação.**

O subsistema de **engajamento** está relacionado com como o locutor se posiciona em relação ao que está sendo dito, como, por exemplo, apoiando ou discordando de uma ideia. Ele é composto por três elementos: endosso, dissenso e concessão. O endosso é quando o locutor concorda ou apoia uma ideia, enquanto o dissenso é quando ele discorda ou rejeita uma ideia. Já a concessão é quando o locutor reconhece o ponto de vista oposto, mas apresenta ressalvas.

O subsistema de **atitude** trata de como o locutor expressa suas emoções, sentimentos e julgamentos em relação ao que está sendo dito. Ele é composto por dois elementos: afeto e julgamento. O afeto está relacionado às emoções do locutor, como alegria, tristeza, raiva, entre outras. Já o julgamento, por sua vez, se refere a avaliações positivas ou negativas de algo, ou alguém.

Por fim, o subsistema de **gradação** está relacionado com a intensidade ou grau de algo. Ele é composto por três elementos: quantidade, intensidade e qualificação. A quantidade se refere a aspectos quantitativos, como quantidade de algo. A intensidade se refere a aspectos qualitativos, como força ou fraqueza de algo. A qualificação, por sua vez, se refere a classificações ou atribuições de valor.

O Sistema de Avaliatividade permite analisar diferentes tipos de textos, como notícias, discursos políticos, propagandas, dentre outros. Ele permite entender como a linguagem é utilizada para expressar opiniões, emoções e julgamentos, e como isso pode influenciar como as pessoas percebem o mundo ao seu redor.

Esse sistema de avaliação está intimamente relacionado à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). A LSF<sup>3</sup> é uma abordagem teórica da linguagem que enfatiza a relação entre a estrutura linguística e a função comunicativa. Essa abordagem vê a linguagem como um sistema que serve para criar significados em contextos sociais específicos.

Portanto, na tentativa de revelar a construção dos enunciados em textos informativos (notícias, reportagens e entrevistas, por exemplo), divulgados em sites de notícias de domínio público sobre a BNCC, este artigo analisa a utilização de recursos avaliativos do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), especificamente do subsistema de Engajamento. Para tanto, o programa *UAM Corpus Tools* (O'Donnell, 2019) auxilia na compreensão de como a Avaliatividade é instanciada nos textos.

---

<sup>3</sup> O Sistema de Avaliatividade, por sua vez, é uma ferramenta analítica da LSF que se concentra na forma como os falantes avaliam eventos, objetos, pessoas e ideias. Ele examina como os falantes usam a linguagem para expressar suas atitudes, julgamentos e emoções em relação ao que estão falando. O Sistema de Avaliatividade procura identificar as escolhas linguísticas que os falantes fazem para avaliar as coisas de diferentes maneiras. Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023

Dessa forma, como pergunta norteadora deste texto, questionamos: como o engajamento realiza-se como mecanismo de avaliação, direcionado pela linguagem, no *corpus* sobre a implementação da BNCC? Em quais instâncias as circunstâncias de ângulo podem direcionar a avaliação feita por quem a propõe?

Assim, concentramos nossa análise na realização de determinadas categorias do estrato semântico-discursivo, pela lexicogramática, com auxílio do programa computacional para anotação e exploração de corpora textuais *UAM Corpus Tool* (O'Donnell, 2019), como já dito. Os textos que compõem o corpus de análise foram coletados entre 2015 e 2017<sup>4</sup>, período em que estavam sendo debatidas as versões do documento (1ª e 2ª versões), ainda com consulta pública.

Este trabalho será apresentado da seguinte forma: a) esta introdução, onde situamos sobre o contexto de estudo, b) os pressupostos teóricos, que, por sua vez, indicam e apresentam, ao interlocutor, as estruturas conceituais base para compreensão do texto; c) a metodologia; d) a análise dos dados; e) as considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas.

## **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Como já apresentado, o Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), preocupa-se com a parte interpessoal da linguagem, aquela que visa compreender como e quando escritores/falantes, produtores de textos, adotam posturas para demonstrar a aprovação/desaprovação, abominação, críticas, etc. sobre coisas, pessoas e eventos, que podem ser identificadas por meio das escolhas lexicogramaticais<sup>5</sup>, posicionando seus leitores acerca daquilo que está sendo dito.

---

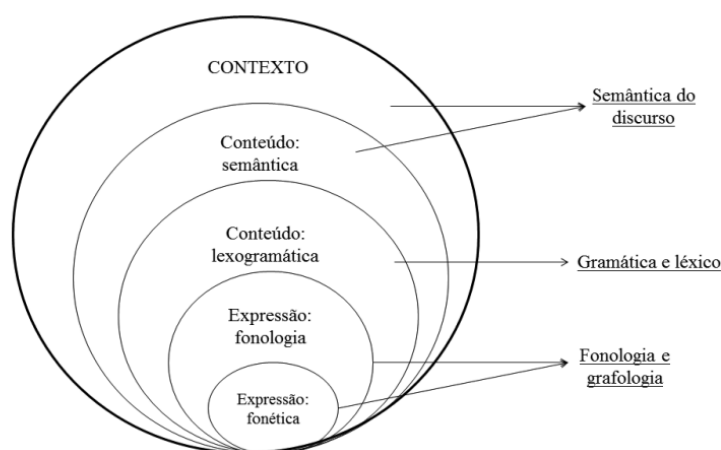
<sup>4</sup> Este artigo é fruto de parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada: “Análise contrastiva das Circunstâncias de Ângulo em *corpus* sobre a proposta da nova Base Nacional Comum Curricular: perspectivas a partir do Sistema de Avaliatividade”, defendida em junho de 2017, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<sup>5</sup> Escolhas lexicogramaticais são as decisões que um falante ou escritor faz ao escolher palavras, estruturas gramaticais e elementos linguísticos em uma determinada situação de comunicação. Essas escolhas refletem as intenções comunicativas do falante ou escritor, bem como seu conhecimento do sistema linguístico e do contexto em que a comunicação ocorre. Na Linguística Sistemico-Funcional, a teoria da escolha lexicogramatical está relacionada ao fato de que a linguagem não é apenas uma coleção de palavras isoladas, mas sim um sistema complexo de opções lexicais e gramaticais que permitem que os falantes realizem diferentes tipos de ações comunicativas. A escolha lexicogramatical é vista como uma forma de realizar escolhas semânticas, discursivas e pragmáticas, e é influenciada por fatores como a estrutura da língua, a cultura, o propósito comunicativo e o contexto da situação comunicativa. Assim, a análise das escolhas lexicogramaticais pode ser útil para entender como os falantes ou escritores constroem significados em diferentes contextos, e como a linguagem é utilizada para realizar ações comunicativas específicas.

Também, utilizar os preceitos do sistema de Avaliatividade é construir, por meio da linguagem materializada em texto, sentimentos, (re)significar valores, despertar emoções, gostos, gestos, avaliações, a fim de que o produtor do texto construa as próprias identidades autorais, particulares, como forma de aproximação do seu público-alvo na obtenção do efeito argumentativo parcial e/ou total pretendido daquele texto produzido.

Por vários anos, estudiosos da linguagem se preocuparam simplesmente com o discurso, com a retórica e o efeito comunicativo (cf. Martin; White, 2005, p.1) como caráter funcional e semiótico da linguagem. No entanto, a partir da proposta elaborada por Halliday e, posteriormente, com a colaboração de Matthiessen (2014, por exemplo), conseguimos vislumbrar uma teoria que trabalha como a significação, operando em todos os níveis do discurso – grafofonológico, lexicogramatical e, principalmente, no semântico-discursivo, conforme ilustra a figura 1.

Figura 1: estratos e estratificações da linguagem.



Fonte: Adaptado e traduzido de Halliday e Matthiessen (2004, p. 25)

Considerando o exposto, o Sistema de Avaliatividade se baseia na metafunção interpessoal da linguagem. Essa metafunção, diferente das outras (ideacional e textual), parte da noção de que a linguagem é dialógica e que, com isso, não há produção textual sem interação e, conseqüentemente, sem avaliação. Como se nota, é necessário observar as relações preexistentes entre linguagem e contexto.

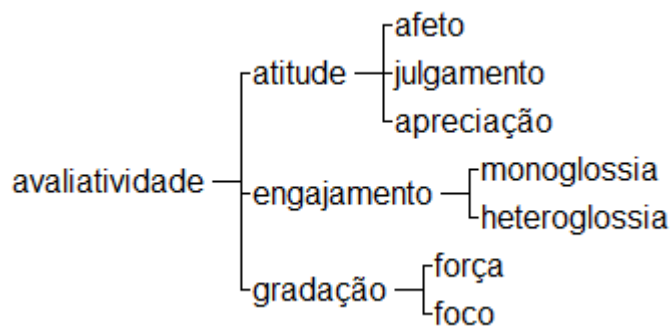
Vale salientar que a noção dialógica aqui proposta advém dos estudos do Círculo de Bakhtin, cuja interação verbal/discursiva é o primeiro pilar na compreensão da natureza da linguagem, ou seja, como acontecem as interações comunicativas em diversos contextos de

uso. A interação dialógica, nessa perspectiva, é concebida como a “realidade fundamental da língua” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p.127).

Essa premissa é o foco fundamental de qualquer estudo, na área do texto e do discurso, por ser dele que conseguimos depreender a utilização de certas formas linguísticas, às quais o produtor recorre para indicar um contexto específico de utilização da linguagem, formado por meio dos itens avaliativos marcados pelas escolhas lexicogramaticais.

A partir da perspectiva sistêmico-funcional, para analisar como os mecanismos da linguagem ocorrem em língua portuguesa, devemos observar três recursos do Sistema de Avaliatividade a fim de identificar como esses elementos expressam sentimentos e emoções, conferem julgamentos, avaliações ou atribuem valores às coisas. São eles: Atitude, Gradação e Engajamento. O subsistema Atitude pode ser categorizado enquanto: Afeto - utilizado para expressar emoção, Julgamento - julgar o comportamento - e Apreciação - atribuir valores estéticos. As opções avaliativas podem ser resumidas pela figura 2:

Figura 2: recursos do Sistema de Avaliatividade



Fonte: traduzido e adaptado de Martin e White (2005, p. 38)

Podemos dizer que é por meio da Atitude que marcamos nossos sentimentos e impressões acerca daquilo que está sendo exposto nos textos. Por meio disso, conseguimos identificar o afeto, o julgamento e apreciação para representar as atitudes afetivas (positivas ou não) em relação à proposição apresentada. Já na gradação, tivemos em vista intensificar nossos posicionamentos discursivos por meio de elementos que indicam força e foco. Para isso, utilizamos de elementos circunstanciais que vão indicar o direcionamento discursivo para o efeito desejado acontecer (seja de intensificar ou focar a leitura e a argumentação do proponente textual).

No subsistema de Engajamento, o pesquisador deve se preocupar em analisar certos elementos constituintes do complexo oracional que indicam projeção, modalidade, polaridade, Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023

concessão em relação à posição do falante/escritor e em relação aos valores que querem ser atingidos e às eventuais respostas. São contempladas estratégias de indicação de possibilidade, negação, oposição, afirmação, além de outras.

Martin e White (2005) investigam o modo como ocorre a interface entre os estratos semântico-discursivo e lexicogramatical, considerando processos e circunstâncias que podem indicar os recursos avaliativos utilizados pelo produtor do texto. Portanto, como já apontamos, enfocaremos os recursos do Engajamento, que se subdivide em Monoglossia e Heteroglossia, e da Gradação, com Força e Foco, conforme observaremos na próxima subseção.

## **O SUBSISTEMA DA AVALIATIVIDADE: ENGAJAMENTO**

Partindo da teoria de Martin e White (2005), discutiremos, nesta seção, acerca dos recursos que o sistema linguístico pode propiciar e que podem fazer o falante/escritor adotar posturas, em relação às posições de valor referenciadas nos textos, perante seus eventuais leitores/interlocutores. Nossa atenção será direcionada para a caracterização das diferentes possibilidades para essa tomada de posição - engajamento - as quais são disponibilizadas pela linguagem, para investigar os efeitos retóricos associados aos diversos posicionamentos.

Nesse sentido, acreditamos que, conforme Martin e White (2005, p. 92), “nossa abordagem nos situa numa tradição em que todos os enunciados são vistos, de algum modo, como posicionados ou atitudinais<sup>6</sup>”. A partir desse pensamento, os autores fundamentam-se na teoria de Voloshinov e Bakhtin, principalmente dos conceitos de “dialogismo” e “heteroglossia”, para evidenciar que, em toda comunicação verbal, escrita ou falada, há uma relação dialógica, pois se referir-se a algo ou se apropria, de alguma forma, daquilo que foi enunciado anteriormente.

Quando utilizamos os recursos heteroglóssicos do subsistema engajamento, queremos, na interação, fazer negociações e conceber a possibilidade de outras vozes e/ou pontos de vista emergirem. Para isso, utilizamos dois recursos lexicogramaticais para imprimir o engajamento em nossas produções: a Expansão dialógica e a Contração dialógica.

Na Expansão dialógica, o produtor faz com que a proposição presente na sua voz seja uma das diversas possibilidades que ele pode assumir, criando abertura de posicionamentos alternativos (como aproximação, distanciamento, etc.). Para Vian Jr. (2014, p. 35), na

---

<sup>6</sup> No original: Our approach locates us in a tradition in which all utterances are seen as in some way stanced or attitudinal (Todas as traduções são de nossa autoria).  
Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023

expansão, abrimos “margem para que se negocie o sentido, que se possa questionar sua legitimidade, que a solidariedade entre produtor e receptor do texto seja passível de negociação”.

Essa expansão, ainda, pode ser realizada, seguindo a teoria de Martin e White (2005), por recursos de Entretenimento, Atribuição, sendo que este último ainda tem como subdivisão o Reconhecimento ou Distanciamento. Já na Contração dialógica, o produtor evoca uma posição em relação àquilo que foi enunciado em desacordo ou rejeição, considerada insustentável, sendo que para negar ou rejeitar uma posição, é necessário que a posição seja reconhecida, reduzindo o escopo das posições e outras vozes. Os recursos de contração são chamados de Refutação e Ratificação. Para a refutação, temos o recurso de negação e contra expectativa; já de ratificação temos a concorrência, o endosso e o pronunciamento.

Como se pode notar, também segundo as ideias Martin e White (2005), a perspectiva dialógica leva-nos a participar, conforme as marcas lexicogramaticais dos falantes/escritores, do processo comunicativo na forma de responder às proposições e posições de valor. Assim, é possível identificar as formas que realizam textualmente as posições de valor, apresentadas como ponto pacífico ou como passíveis de questionamento, resistência ou rejeição.

Dessa forma, dois conceitos fundamentais emergem para esse subsistema: dialogismo e instanciação. O primeiro faz menção à ideia proposta por Bakhtin, quando o estudioso sinaliza que toda interação prevê um posicionamento, ou seja, uma reação do interlocutor (de simpatia, discordância, concordância etc.), pois sabemos que é a partir dessa relação que podemos compreender e identificar os mecanismos avaliativos utilizados no processo, considerando o contexto de situação em que a interação acontece<sup>7</sup>.

Com isso, é notório que, no Sistema da Avaliatividade, os recursos dos enunciados são instanciados como balizadores para identificar, por exemplo, os posicionamentos que, de acordo com Vian Jr (2010, p. 34), são “inter-subjetivos entre usuários da linguagem” desencadeando, assim, relações dialógicas que se ligam diretamente com os significados produzidos por esses textos.

Essas relações dialógicas, segundo Bakhtin (1997), são a forma intrínseca à composição do discurso monológico ou heteroglóssico, pois, mesmo que todo discurso seja monológico (reduzido à unicidade de vozes), essa monoglossia é parte de um grande discurso já proferido, da comunicação verbal, em uma determinada esfera social. A relação dialógica

---

<sup>7</sup> É importante destacar que as relações dialógicas se dão entre enunciados nesse quadro teórico. Nesse sentido, enfatizamos que o dialogismo é parte essencial do enunciado na rede de enunciados Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023



de sentidos se estabelece, também, na e pela comunicação verbal: “Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica” (Bakhtin, 1997, p. 345-346).

A perspectiva aqui adotada, portanto, do subsistema Engajamento, fornece subsídios para analisar como posicionamentos são adotados, caracterizando o estilo interpessoal do falante/escritor, realizados linguisticamente pelo estrato lexicogramatical da linguagem, de modo que as informações veiculadas adquiram valores em relação aos interlocutores e aos textos que são produzidos.

Nesse posicionamento dialógico, dois valores são possíveis: i) expansão e ii) contração dialógica. Em (i), os enunciados são expandidos ao nível daquilo que se deseja enunciar, ou seja, há a expansão da proposição apresentada por meio dos recursos lexicogramaticais. Já em (ii), há uma redução da possível negociação dialógica por meio do potencial dialógico do texto produzido. Martin e White (2005, p. 102) salientam que

A distinção gira em torno do grau em que um enunciado, por força de uma ou mais dessas locuções, traz ativamente subsídios para posições dialogicamente alternativas e vozes (expansão dialógica), ou alternativamente, atua para desafiar, afastar ou restringir o âmbito dessa (contração dialógica)<sup>8</sup>.

Esses dois recursos avaliativos podem indicar identificações distintas na interpretação de um momento dialógico, por abrirem margem para uma possibilidade de “diálogo” ou, ainda, fecham as possibilidades de discordância, questionamento, etc. Esses potenciais dialógicos somente são possíveis porque o discurso é heteroglóssico, isto é, é dada a possibilidade de negociação, por meio da expansão ou da contração no texto. Diferentemente, quando não é dado sequer o questionamento ou não se dá margem à dialogia, o texto é monoglóssico, como veremos a seguir.

## **MONOGLOSSIA**

A monoglossia não prevê a interação com o outro, porque não se faz menção a outras vozes, possibilidades e pontos de vista. Dessa forma, no nível da oração, pensemos na monoglossia quando o estrato semântico-discursivo é construído por meio das marcas

---

<sup>8</sup> The distinction turns on the degree to which an utterance, by dint of one or more of these locutions, actively makes allowances for dialogically alternative positions and voices (dialogic expansion), or alternatively, acts to challenge, fend off or restrict the scope of such (dialogic contraction).  
Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023

lexicogramaticais que indicam um discurso homogêneo. Martin e White (2005, p. 100) indicam:

Uma distinção fundamental nas afirmações monoglóssicas é se a disposição do texto é tal como a proposição é apresentada como certa ou se, alternativamente, é apresentada como atualmente em questão ou em discussão. Existem vários arranjos textuais pelos quais a certeza pode ser interpretada. Uma é por meio de construções que se enquadram na categoria frequentemente denominada “pressuposição”.

É possível perceber que há uma importância da disposição do texto na interpretação das afirmações monoglóssicas, ou seja, declarações feitas em uma única língua. Os autores enfatizam que a maneira como a proposição é apresentada no texto pode influenciar se é interpretada como certa ou ainda em discussão. Pensando nisso, observe o exemplo 01:

(01)

a) No Ceará, **um currículo explica** o que cada escola deve ensinar em português e matemática para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Em Goiás, **outro documento especifica** o que deve ser apresentado aos alunos de todas as etapas e em todas as disciplinas, com exceção de artes e educação física. Em Santa Catarina, **a proposta curricular** de 1980 acaba de ser revisada **para descrever** aos professores a filosofia da rede, fundamentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs). (TEINF010\_20151011<sup>9</sup>, grifo nosso).

b) **A adoção de um currículo único poderá garantir aos estudantes o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns de Sul a Norte.** Apesar da existência de Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e de currículos estaduais e municipais, muitas escolas ainda se pautam no que é apresentado pelos livros didáticos e avaliações como a Prova Brasil e o Enem, visto que estabelecem o que vão ensinar com base no conteúdo cobrado nesses exames. Com a BNC, as avaliações terão que se adaptar ao ensino (TEINF031\_20151105, grifo nosso).

Nos fragmentos em destaque, temos que a utilização da monoglossia do tipo ponto questionável como um mecanismo do produtor textual de se posicionar e fazer com que o seu interlocutor encare algo como crível ou justificável (ex.: o currículo explica; outro documento especifica por poder ser explicado/questionado ou não). Em (01a), a expressão “a filosofia da rede” indica um nível de ponto pacífico, pois a rede parece possuir uma filosofia, tal como colocado, é considerado algo certo, trivial, pois a redução é máxima e a informação é apresentada como um dos únicos caminhos a serem seguidos (ponto pacífico) ou como um ponto questionável.

---

<sup>9</sup> A explicação sobre a codificação do corpus encontra-se na parte destinada à metodologia. Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023

Já no exemplo (01b), percebemos a monoglossia do tipo ponto pacífico, marcado pela expressão em destaque “A adoção de um currículo único [...]” em que já se dá como certo que o documento será adotado, criando um caráter de verdade e unicidade, ou seja, um ponto pacífico de concordância (isso se dá por meio de frases afirmativas, com nível imperativa, de ordem). Nesse sentido, observamos que, em toda produção monoglóssica, o potencial de atribuição que permite posições dialógicas alternativas é anulado, por se tratar de afirmações simples do falante/escritor, diferentemente de como acontece na heteroglossia, que perceberemos na próxima subseção.

## **HETEROGLOSSIA**

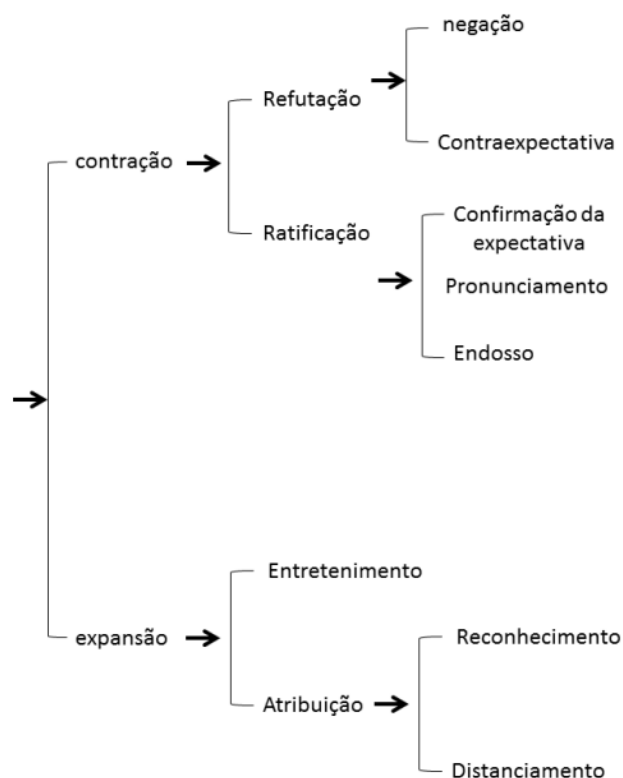
Quando utilizamos os recursos heteroglóssicos, promovemos negociações e concebemos a possibilidade de outras vozes e/ou pontos de vista emergirem. Para isso, utilizamos dois recursos lexicogramaticais para imprimir o engajamento em nossas produções: a Expansão dialógica e a Contração dialógica.

Na Expansão dialógica, o produtor faz com que a proposição presente em sua voz seja uma entre diversas possibilidades que ele pode assumir, criando abertura de posicionamentos alternativos (como aproximação, distanciamento etc.). Para Vian Jr. (2014, p. 35), na expansão, abrimos “margem para que se negocie o sentido, que se possa questionar sua legitimidade, que a solidariedade entre produtor e receptor do texto seja passível de negociação”.

Essa expansão, ainda, pode ser realizada, seguindo a teoria de Martin e White (2005), por recursos de Ponderação, Atribuição, sendo que este último ainda tem como subdivisão o Proximidade ou Distanciamento. Já na Contração dialógica, o produtor evoca uma posição em relação àquilo que foi enunciado em desacordo ou rejeição, considerada insustentável, sendo que para negar ou rejeitar uma posição, é necessário que a posição seja reconhecida, reduzindo o escopo das posições e outras vozes. Os recursos de contração são chamados de Discordância e Proclamação.

Para a primeira, temos o recurso de Negação e Contraexpectativa; para a segunda, temos a Concordância, o Pronunciamento, o Endosso e a Justificação. Didaticamente, Martin e White (2005, p. 134) hierarquizam as categorias do subsistema engajamento:

Figura 3: o subsistema Engajamento.



Fonte: adaptado de Martin e White (2005, p. 134).

Partindo disso, observe o exemplo:

(02)

Disponível para consulta pública no site [basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br), o texto preliminar foi elaborado por uma equipe de 116 especialistas de 35 universidades. Entre as maiores controvérsias está a listagem de tópicos previstos em história, sobretudo ao longo das três séries do Ensino Médio. **Para os críticos dessa proposição inicial**, a disciplina privilegiaria a história do Brasil (TEINF008\_20151125, grifo nosso).

No trecho destacado em (02), percebemos que ocorre uma expansão dialógica do tipo atribuição – proximidade, que está associada a uma circunstância de ângulo do tipo ponto de vista, porque à voz externa é atribuída um leque de posições dialógicas possíveis, a partir da

condição subjetiva apresentada na proposição; ou seja, é atribuído aos críticos da proposição inicial referente à BNCC mostrar uma posição contrária àquela apresentada sobre a disciplina que privilegia a história do Brasil.

Nesse sentido, esse recurso avaliativo nos permite observar a maneira pela qual o produtor do texto negocia as interpretações, opiniões, julgamentos, etc. com seus interlocutores implícitos ou explícitos. Entretanto, no Proximidade, segundo Martin e White (2005), há um leque de possibilidades à disposição do produtor textual para que ele não expresse uma afirmação ou seu posicionamento e, para isso, ele se utiliza de uma voz externa, concretizando e atribuindo o ponto de vista dele no texto.

Essa expansão dialógica do tipo Atribuição > Proximidade pode equivaler a uma circunstância de ângulo do tipo ponto de vista. As circunstâncias de ângulo, por sua vez, conforme Freitas (2017), podem ser analisadas com dois enfoques: quando vistas do tipo fonte, podem ser classificadas como recursos heteroglóssicos endossando a fonte recorrida; as circunstâncias de ângulo do tipo ponto de vista podem indicar proximidade, ou seja, aberturas dialógicas para interpretações e negociações de ideias.

A seguir, descrevemos os passos utilizados para a anotação do *corpus* de estudo e extração de dados no programa *UAM Corpus Tool* (O'Donnell, 2019).

## **METODOLOGIA**

O *corpus* escolhido para estudo é composto por trinta e dois (32) textos informativos relacionados à implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Básica. Para a coleta e montagem do *corpus* de estudo, foi observada a pertinência do texto com a temática deste artigo no período de 2015 a 2017.

O *corpus* é composto por textos de diferentes gêneros, tais como reportagens, entrevistas e notícias, coletados em diversos *webjornais* brasileiros de ampla circulação, selecionados por dois critérios: acesso de conteúdo gratuito, e abordam o tema “BNCC”, a partir da busca específica no domínio público. Também, textos foram coletados em uma seção específica do portal do MEC denominada “acompanhe a mobilização”, em que podíamos encontrar textos, entrevistas e notícias específicas de cada estado sobre a mobilização pública.

Para haver uma divisão do *corpus* a fim de identificar as características particulares dos textos, foi necessário criar uma subdivisão e uma codificação específica para cada texto ser identificado por meio desse procedimento, respeitando a categoria estabelecida no subcorpus, conforme o quadro 1.

Quadro 1: codificação e código atribuído aos textos analisados

<b>CÓDIGO</b>	<b>SUBDIVISÃO/SIGNIFICADO</b>
TEINF	Texto informativo publicado em ANO + MÊS + DIA

Fonte: elaboração dos autores

Esse procedimento foi adotado a fim analisar e observar como os elementos avaliativos de engajamento aparecem nesses textos. Para fins estatísticos e de representatividade do *corpus*, foi utilizado o critério de quantidade de textos coletados, o tamanho total de palavras presente em cada grupo e os números de ocorrências por palavras corridas (*tokens* - somatória) e de tipos diferentes de palavras (*types* – média) individuais e totais, conforme o apresentado na tabela 1.

Tabela 1: total de itens e formas do *corpus* de estudo

<b>TEXTOS</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>ITENS</b>	<b>FORMAS</b>
<b>TEXTOS INFORMATIVOS</b>	32	30.461	4.020

Fonte: elaboração dos autores

Os textos informativos são compostos por textos de diferentes gêneros tais como notícias, reportagens e entrevistas retiradas do site da BNCC e de *webjornais* brasileiros, de ampla circulação na internet e com seu conteúdo gratuito para download. Todo *corpus* de estudo da dissertação então é composto, aparentemente, por um número baixo de textos. Porém, para justificar, recorreremos às ideias de Berber Sardinha (2004, p.41), quando diz que

O corpus é uma amostra de uma população cuja dimensão não se conhece (a linguagem na totalidade). Desse modo, não se pode estabelecer qual seria o tamanho ideal da amostra para representar essa população. Uma salvaguarda é tornar a amostra a maior possível, a fim de que ela se aproxime ao máximo da população da qual deriva, sendo, portanto, mais representativa.

Nessa lógica, a quantidade total de texto é justificada pelo grande número de produções acerca dessa temática em voga. Como procedimento metodológico e de análise, houve a necessidade de estabelecer critérios de escolha dessas produções para composição do

*corpus* de estudo, de acordo com aquilo que já foi dito: a) pertinência temática; b) produção vinculada ao portal do MEC e às regiões do país; c) fornecimento de orientações e discussões relacionadas à construção da BNCC.

Os principais procedimentos metodológicos implicados neste trabalho foram: 1) compilação do *corpus* de estudo com textos relacionados à temática escolhida; 2) organização do *corpus* em subcorpora, com metadados para identificação com os sites coletados, títulos, autores (quando aplicável) e data de publicação e coleta; 3) conversão dos textos para o formato .txt; 4) nomeação dos arquivos por meio de códigos para identificação no *corpus*; 5) uso do programa UAM *Corpus* Tool, com auxílio da ferramenta *Layers*, para etiquetagem dos elementos avaliativos indicadores de Engajamento; 6) quantificação dos dados no *corpus* a partir da etiquetagem; 7) análise e descrição quantitativa e qualitativa dos dados em contraste, a partir dos diversos textos analisados e 8) reflexão a partir dos resultados, seguindo os preceitos do Sistema de Avaliatividade.

Especificamente, o programa UAM *Corpus* Tool foi utilizado porque essas *tags*, que denominamos “etiquetas”, neste trabalho, foram baseadas, como dito, no Sistema de Avaliatividade a fim de apresentar dados empíricos sobre a utilização desse fenômeno para a sua interpretação aplicada aos contextos de uso.

### ***O UAM Corpus Tool***

O programa *UAM Corpus Tool*, 3.3v (O'Donnell, 2019), em desenvolvimento e contínua atualização desde 2007, permite a anotação manual e automática de textos em múltiplas camadas. Conforme O'Donnell (2008), o *software* O sistema tem como base permitir que o usuário atribua *tags* a segmentos de texto por meio de uma interface do programa. Ao selecionar um segmento de texto, é solicitado ao usuário que aplique *tags* seguindo uma hierarquia previamente fornecida por ele.

Para que esse procedimento aconteça, o pesquisador deverá criar ou abrir um projeto já existente ou importar de uma versão anterior do programa, denominado UAMCT2. Para começar um trabalho, basta clicar em “*Start New Project*” e logo a próxima tela será um assistente que auxiliará na criação do projeto. Os passos seguintes são: a) providenciar um nome para seu projeto; b) local em que deseja salvar a pasta que será criada para seu projeto; c) finalização.

Após aberto ou criado um projeto, uma pasta é aberta para que todas as anotações sejam gravadas em um único espaço. Feito isso e para processamento no programa, os Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023

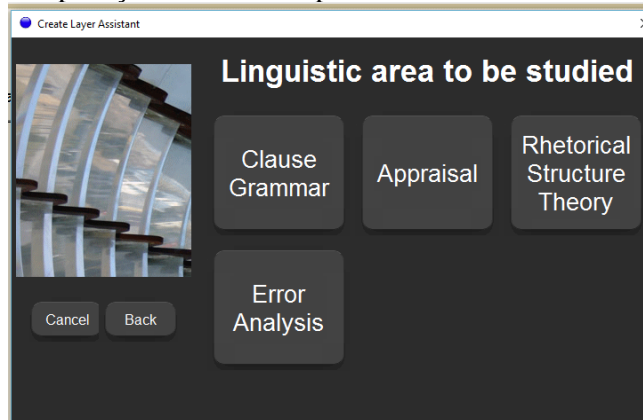
O PROGRAMA *UAM CORPUS TOOL*

arquivos do *corpus* deverão ter a extensão **.txt** e serão adicionados por meio do botão *Extend Corpus*. Será possível adicionar um único texto ou vários outros, escolhendo a língua de trabalho, fonte da letra e tamanho.

O botão “*Action*” exibe opções para o pesquisador alterar o texto incorporado, faça uma eventual edição, veja informações referentes às estatísticas do arquivo adicionado (número de palavras, sentenças, densidade lexical, entre outros), exclua o texto do local de análise etc. As camadas de anotação são representadas pela aba “*Layer*”. Cada camada corresponde a um tipo específico de anotação aplicada ao texto selecionado, sendo possível adicionar camadas para analisar orações, grupos, registros, gênero de texto (característica do texto todo) etc.

Para que todo esse trabalho seja feito, também é aberto um assistente de criação para anotação de camadas do projeto, possibilitando criar anotações manuais ou automáticas. A camada automática pode ser feita por meio de três possibilidades: um esqueleto criado pelo pesquisador; um esquema já pronto; ou reutilizar um esquema específico, criado e salvo no computador.

Figura 4: aplicação da camada a partir do Sistema de Avaliatividade

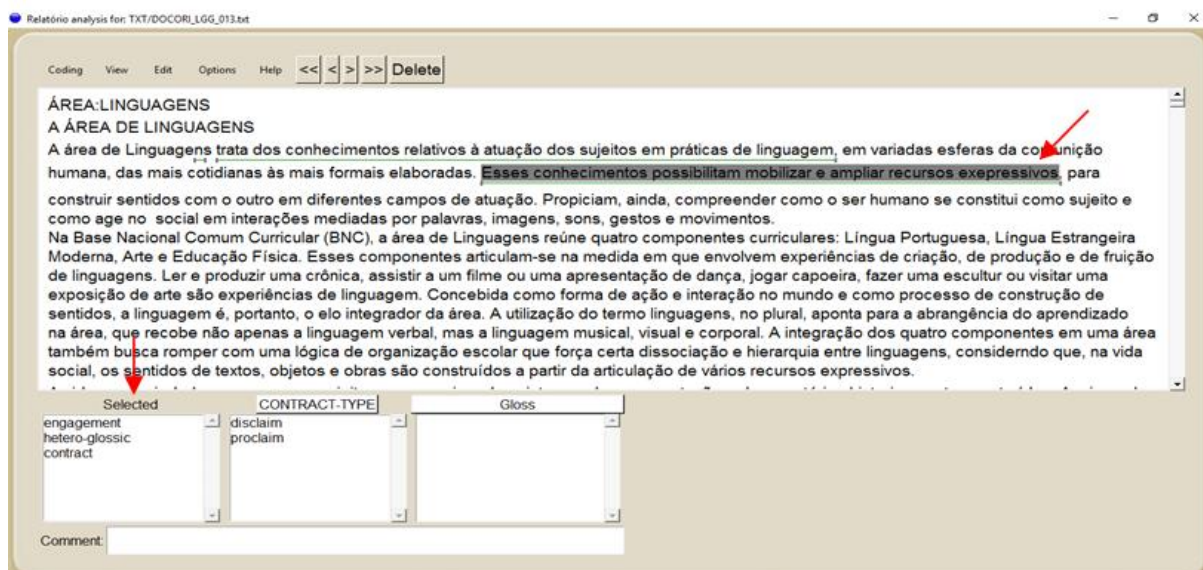


Fonte: *UAM Corpus Tool* (O'Donnell, 2019).

Para o presente artigo, a camada aplicada é a do Sistema de Avaliatividade (*Appraisal*), especificamente o subsistema Engajamento, conforme mostra a figura 5:



Figura 5: aplicação das camadas do subsistema Engajamento

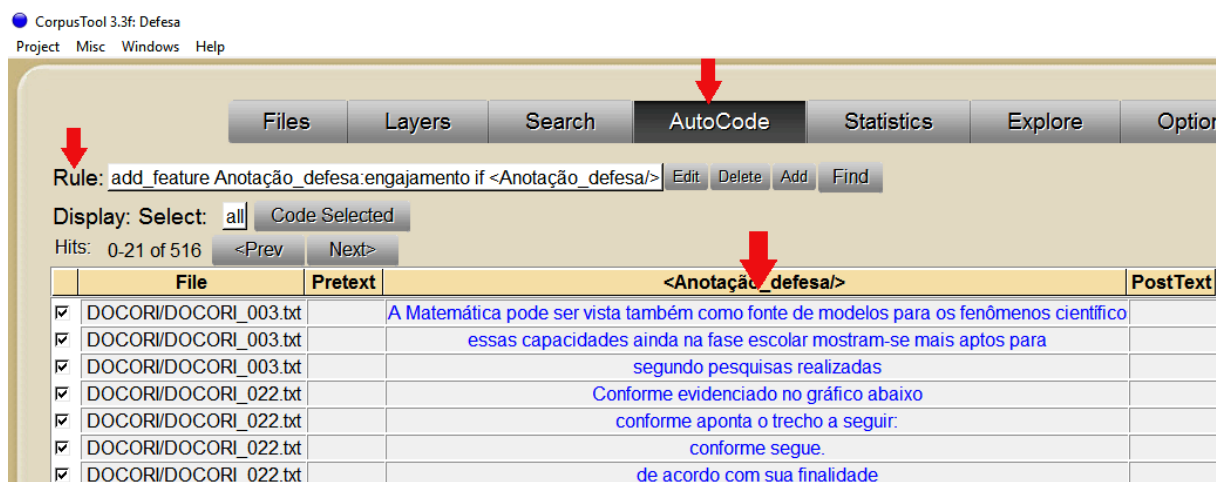


Fonte: (O'Donnell, 2019)

Na camada do subsistema selecionado, devemos selecionar a palavra ou frase que queremos anotar. Na sequência, as opções de categorias vão sendo apresentadas em ordem, para serem atribuídas aos fragmentos selecionados.

Para ver as camadas aplicadas e ir para as linhas de concordância a partir delas, o programa oferece a aba "AutoCode", que propicia as buscas a partir de uma regra (*rule*) estabelecida pelo pesquisador, a partir da gramática selecionada. Ao clicar duas vezes sobre o código anotado, o texto será aberto no fragmento correspondente, destacando a anotação feita, como ilustra a figura 6:

Figura 6: linha de concordância das camadas aplicadas a partir do *UAM Corpus Tool*



Fonte: (O'Donnell, 2019)

## O PROGRAMA UAM CORPUS TOOL

Por fim, para obter os dados estatísticos após a aplicação das camadas, esses dados podem ser encontrados na aba “*Statistics*”, selecionando o tipo de estudo e o aspecto de interesse que, neste trabalho, é a partir das camadas aplicadas.

Figura 7: dados estatísticos fornecidos pelo programa *UAM Corpus Tools*

Feature	N	Percent
Total Units	272	
TIPOS_DE_HETEROGLOS	N=272	
- contração_dialógica	272	100.00%
- expansão_dialógica	0	0.00%
TIPOS_DE_CONTRAÇÃO	N=272	
- refutação	0	0.00%
- ratificação	272	100.00%
TIPOS_DE_REFUTAÇÃO	N=0	
- negação	0	0.00%
- contra-expectativa	0	0.00%
TIPOS_DE_RATIFICAÇÃO	N=272	
- confirmação_de_expe	0	0.00%
- pronunciamento	0	0.00%
- endosso	272	100.00%
- justificativa	0	0.00%
TIPOS_DE_CONFIRMAÇÃO	N=0	
- afirmação	0	0.00%
- concessão	0	0.00%

Fonte: *UAM Corpus Tool* (O’Donnell, 2019).

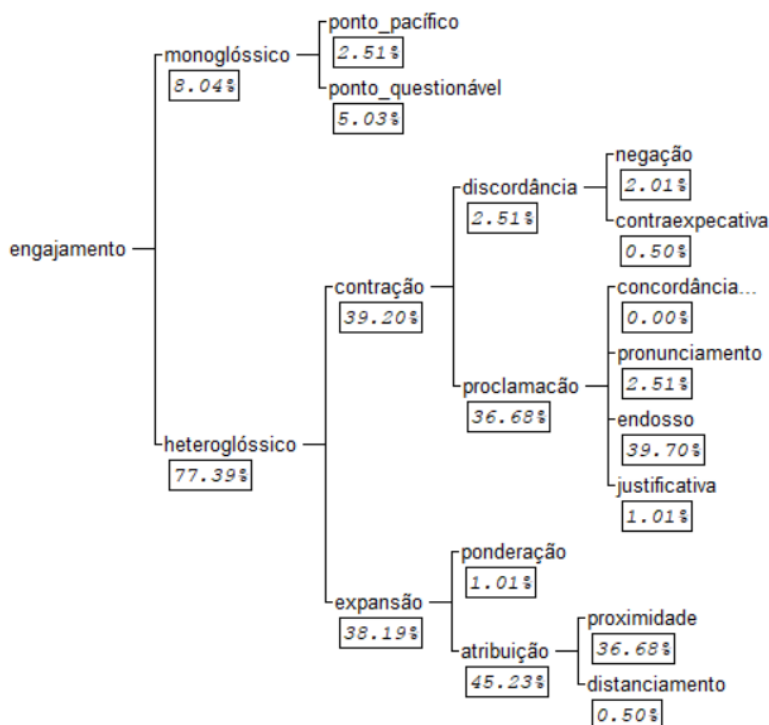
Por fim, é possível explorar individualmente cada um dos textos que compõem o *corpus*, bem como a frequência em que cada uma das camadas aplicadas ocorre, a partir da aba “*Explore*”, também escolhendo o tipo de subsistema que o pesquisador desejar investigar.

## RESULTADOS

Após as aplicações das camadas, utilizamos das categorias indicadas na metodologia por acreditarmos que as circunstâncias de ângulo do tipo fonte e ponto de vista estão associadas ao Sistema de Avaliatividade por meio dos recursos semântico-discursivos de ratificação – endosso, na contração dialógica e, na expansão, atribuição – proximidade.

Entretanto, por meio dos dados extraídos do programa<sup>10</sup> apresentamos a porcentagem indicativa de cada recurso presente no *corpus*.

Figura 8: porcentagem das camadas aplicadas no *corpus*<sup>11</sup>



Fonte: dados da pesquisa

É interessante observar que, dentre os 32 textos analisados, 77,39% estão fundamentados na heteroglossia, ou seja, há buscas, referências de outras vozes e pontos de vistas negociados na interação. Essa negociação acontece por meio da contração e da expansão dialógica a fim de dar abertura para posicionamentos alternativos, de aceitação ou rejeição ou assumir uma posição de rejeição ou desacordo com a proposição apresentada.

Não obstante, a porcentagem de monoglossia também é importante ser destacada. Por mais que elas representem 8,04%, dessa porcentagem, 5,03% representam uma monoglossia de ponto questionável. Observe o exemplo 03.

(03)

<sup>10</sup> Lembramos que esses cálculos são fornecidos pelo programa e dizem respeito ao total de etiquetas (*tags*) inseridas para cada categoria.

<sup>11</sup> O programa apresenta certas marcas lexicogramaticais que indicam heteroglossia, que possibilita uma maior assertividade quando a demarcação desse recurso. Já na monoglossia, para nós, alguns critérios devem ser estabelecidos para considerar as produções como tal, como uma afirmação com direcionamento imperativo (marcada pelos processos materiais, verbais ou relacionais).

“No ensino médio, a **Base Comum tem que** dialogar com o Enem. A tendência de todo o sistema educacional há muito tempo é que o ensino médio seja telegovernado pelo acesso à universidade. É uma coisa que temos de pensar.” Renato Janine Ribeiro, ministro da Educação (TEINF002\_20150915), grifo nosso).

No exemplo 03, há uma voz única, dialogicamente inerte que não reconhece posições alternativas para o assunto discutido, criando um caráter de verdade, uma unicidade. Entretanto, um ponto questionável devido às diversas possibilidades e especificidades presentes na proposição, tanto no que se propõe para a BNCC e para o ENEM quando na necessidade explícita de diálogo entre essas duas frentes. A escolha lexicogramatical do imperativo reforça essa ideia monoglóssica.

Diante de tal situação, a utilização da contração dialógica no *corpus* é recorrente porque, conforme Martin e White (2005, p. 117), mesmo que os significados estejam sendo construídos em um contexto dialógico, com auxílio de outras vozes e juízos de valor, esse recurso tenta excluir alternativas dialógicas presentes no texto a fim de apoiar aquela já mobilizada pelo produtor textual, como estratégia argumentativa para interpretações e tomada de juízo.

Ao extrair os dados quantitativos, percebemos que, dos 32 textos analisados, há noventa e duas (92) *tags* aplicadas para **endosso** contra setenta e nove (79) *tags* aplicadas para **proximidade**. Assim, a proximidade, junto à circunstância de ângulo do tipo ponto de vista, tem em vista reconhecer uma voz onde não há, aparentemente, uma indicação explícita de posições ou tomada da verdade da voz autoral relacionada com a proposição. Dessa forma, busca-se apoiar ou rejeitar a posição de valor apresentada na produção textual.

Nesse sentido, é por meio da categoria de endosso que a voz autoral apresenta a proposição de verdade ou falsidade, alinhando-se com a voz externa, introduzida como uma fonte dessa proposição. Ao indicar, dessa maneira, um investimento elevado pelo autor e por seu interlocutor, tais formulações definem contra, ou pelo menos afastam, posições reais ou potenciais contrários.

Isso fica cada vez mais evidente nos textos que circulam na mídia pela natureza da publicação, pois há uma tentativa de argumentação forte entre os desejos e os anseios daquela instituição com a sociedade a fim de conquistar cada vez mais público e leitores. Muitas vezes, esse movimento faz com que muitos questionamentos sobre a veracidade e a profundidade dos fatos apresentados fique de lado, porque cria-se textos que direcionam o leitor para a interpretação desejada.

Ainda, parece coerente dizer que o endosso é utilizado para indicar a veracidade dos fatos, por meio da tentativa de unicidade de vozes mobilizadas na produção textual. Essa ação acontece porque o produtor textual traz fontes externas para (re)afirmar o argumento apresentado na proposição, criando um universo dialógico único a fim de que o ouvinte/leitor só consiga perceber aquela verdade perante as informações veiculadas.

Cabe frisar que, de acordo com Martin e White (2005), o endosso associa-se à subjetividade individual apresentada por meio da voz autoral, tentando excluir qualquer alternativa dialógica que pode existir no cenário heteroglóssico construído no seu texto. Observamos o exemplo (04) que segue:

(04)

Os integrantes da Comissão reuniram-se a fim de elaborar e formatar a proposta da SEMED. Após análise e estudo da proposta BNC, concluíram que a sociedade terá clareza dos elementos fundamentais a serem ensinados nas Áreas de Conhecimento: Matemática, Linguagens e Ciências da Natureza e Humanas. **De acordo com Maria Inez**, as Matrizes Curriculares da Rede Municipal de Ensino estão em consonância com as propostas da BNC e ressalta que as matrizes da Educação Infantil (de 0 a 3 anos) foram alteradas, visando atender, com mais rigor científico-pedagógico, às crianças dessa faixa etária e estimular, adequadamente, cada etapa do desenvolvimento infantil (TEIN006\_20160112, grifo nosso).

Mais uma vez, a teoria do Sistema de Avaliatividade indica que o endosso é uma voz que se soma à que é citada, compartilhada por vozes sociais, podendo ser marcadas pelos elementos lexicogramaticais como “segundo X”, “de acordo com x”, etc. No exemplo 04, o trecho foi destacado de um texto informativo, sobre a BNCC, apresentando a síntese da reunião da comissão da Secretaria Municipal de Educação de certa cidade que, após estudos e discussões da proposta da BNCC, vislumbrou que a sociedade, com esse documento, conseguirá reconhecer melhor aquilo que será ensinado nas grandes áreas do conhecimento.

Na tentativa de recorrer à opinião de uma especialista conhecida no município, o produtor do texto reproduz a ideia dessa estudiosa, apontando uma voz externa que indica credibilidade e certo teor de veracidade ao acontecimento. O endosso acontece, então, nas palavras de Martin e White (2005, p. 126) para “se referir a formulações pelas quais proposições provenientes de fontes externas são interpretadas, pela voz do autor, como corretas, válidas, inegáveis ou, da mesma forma, cobertas de garantia<sup>12</sup>”.

Ainda, é possível afirmar que em ambos os exemplos, bem como em todos os textos que apresentam endosso, a voz autoral entra em relação dialógica com o falante, ao emitir a

---

<sup>12</sup> [...] refer to those formulations by which propositions sourced to external sources are construed by the authorial voice as correct, valid, undeniable or otherwise maximally warrantable. Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.85-107/2023

reclamação das entidades, endossando a declaração feita. Esse endosso produzido sinaliza uma proposição em um indivíduo - a de que se até as entidades estão reclamando -, relatando um discurso no qual a voz interna assume a responsabilidade para essa proposição, ou pelo menos divide a responsabilidade com a fonte citada.

Com a utilização do programa UAM *Corpus Tools* ((O'Donnell, 2019), o *corpus* já pode direcionar as respostas e os caminhos percorridos no entrelaçamento da teoria com os textos analisados, por oferecer ferramentas que nos permite quantificar os dados obtidos e compará-los frente à utilização de certos recursos avaliativos nas produções.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontamos que o Sistema de Avaliatividade é uma abordagem teórico-metodológica que se deve destacar, por auxiliar na descrição e análise linguística a fim de demonstrar como o produtor textual, por meio do texto, se posiciona dialogicamente e intertextualmente por meio das suas marcas de monoglossia ou heteroglossia e, conseqüentemente, de seus desencadeamentos dialógicos expansivos ou contrativos.

Os resultados evidenciaram que o uso da categoria “endosso” foi o mais recorrente visto que as circunstâncias de ângulo podem (e estão) relacionadas a esse traço semântico-discursivo, por indicar uma voz que se soma a outra, ou seja, aquela citada, referindo-se a outrem, na busca do compartilhamento de posições dessas vozes. Dessa forma, o produtor indica a confiabilidade da proposição apresentada ou citada, deixando implícita, ao seu interlocutor, a possibilidade de rejeitar completamente ou de se aproximar do produtor.

Em relação à temática, percebemos, de uma forma geral, que o currículo deve ser definido em relação às finalidades educacionais e ao contexto escolar brasileiro, podendo, sim, utilizar dos modelos de outros países, porém adaptados para a realidade do nosso país. Partindo disso, os textos devem passar por reformulações a partir das ideias apresentadas dos especialistas.

O Sistema de Avaliatividade auxilia o pesquisador a ter um olhar avaliativo para os textos que apresentam essa temática como forma de indagar as produções e as posições dialógicas que essas apresentam e/ou trazem a ideia do produtor textual como certa, válida, reconhecida e, de certa forma, única, aos leitores, convencendo-os pelas escolhas apresentadas na construção do texto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREITAS, Henrique Campos. **Análise contrastiva das Circunstâncias de Ângulo em corpus sobre a proposta da nova Base Nacional Comum Curricular**: perspectivas a partir do Sistema de Avaliatividade. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2017. (Dissertação de mestrado).

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Mathias Ingemar Martin. **An introduction to functional grammar**. 4th edition. London and New York, Routledge, 2014.

MARTIN, Jim. Robert; WHITE, Peter. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

O' DONNELL, Mick. The UAM Corpus Tool: Software for corpus annotation and exploration. In: Bretones Callejas, Carmen M. et al. (eds) **Applied Linguistics Now: Understanding Language and Mind / La Lingüística Aplicada Hoy: Comprendiendo el Lenguaje y la Mente**. Almería: Universidad de Almería.

O' DONNELL, Mick. **UAM Corpus Tool**, versão 3.3v, 2019. Disponível em: <http://www.corpustool.com/index.html>> Acesso em dez. 2020.

VIAN JR, Orlando.; SOUZA, Anderson Alves de.; ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira (Orgs.) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.